

# INFLUÊNCIA DAS FANTASIAS NAS RELAÇÕES<sup>1</sup>

Sabrina Barbosa Sironi

Participando do ciclo de estudos “Clínica Psicanalítica: Estilo e Interpretação” sobre “Marcas da Infância”, intrigou-me um questionamento: “o quanto tem de real a relação com o outro?” Ao ouvir sobre as primeiras conferências de Freud em nosso seminário e lendo a biografia de Leonardo da Vinci, esse questionamento continuou presente. Assim, esse trabalho tem o objetivo de entender um pouco mais sobre nossas lembranças da infância, do que é real e do que é imaginário ou fantasioso e como isto pode gerar efeitos nas relações posteriores da vida adulta.

As lembranças da infância são muito diferentes das lembranças conscientes da idade adulta. Elas não se fixam no momento da experiência para mais tarde serem repetidas; surgem muito mais tarde quando a infância já acabou. Nesse processo sofrem alterações e falsificações de acordo com os interesses de tendências ulteriores. De um modo geral, não poderão ser claramente diferenciadas das fantasias. Os restos dessas lembranças encobrem valiosos testemunhos dos traços mais importantes do desenvolvimento mental de um indivíduo.

Lembramos que o termo *fantasia* em psicanálise significa o representante da pulsão, expressando conteúdos inconscientes – assim como os sonhos que passam para nossa consciência através de experiências bizarras que a mente elabora enquanto o corpo repousa.

As fantasias, mesmo que sejam equivocadas, têm o objetivo de aproximar-se da verdade. A lembrança das primitivas experiências afetivas pode ser acessada, além de por meio dos sonhos – caminho real para o inconsciente, através das fantasias que o paciente elabora sobre sua infância numa ou noutra época remota e que vêm à superfície sob forma irreconhecível.

O conteúdo das fantasias poderá modificar ao longo da vida, mas o contexto delas, assim como a tela dos sonhos, será sempre parte de cenários infantis.

Algo muito estranho e muito familiar: foi assim que Freud definiu a relação que temos com tudo isso que “por um lado é familiar e agradável e, por outro, está oculto e se mantém fora da vista” (Freud, 1917-1918, p. 238).

Essa sensação de estranheza (*unheimlich*) é relativa a tudo que deveria ter permanecido escondido, secreto e oculto, mas algo o traz para fora. Com os sonhos e as fantasias temos uma relação semelhante: elas nos surgem, acompanham-nos e temos com elas simultaneamente uma relação de familiaridade e estranheza.

As impressões primitivas infantis têm efeitos duradouros nos conflitos da vida posterior. Por isso os neuróticos expressam seus interesses presentes através de reminiscências e símbolos do passado remoto.

As concepções das cenas primitivas da infância não são reproduções de ocorrências reais, das quais é possível atribuir uma influência sobre o curso da vida posterior do indivíduo. São como produtos da imaginação que encontram estímulo na vida adulta, que pretendem servir como uma espécie de representação simbólica dos verdadeiros desejos e interesses e que devem sua origem a uma tendência regressiva, a uma fuga das incumbências do presente.

Freud (1917-1918, p. 60) coloca o seguinte:

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado em jornada interna do CPRS de 20 de outubro de 2012.

Se os neuróticos são dotados da característica prejudicial de desviar o seu interesse do presente e de vinculá-lo a esses substitutos regressivos, os produtos da sua imaginação, então o que há a fazer é seguir a sua trilha e trazer para a consciência esses produtos inconscientes, pois deixando de lado a sua ausência de valor, do ponto de vista da realidade, são da máxima significação do nosso ponto de vista, de vez que, no momento, são os portadores e possuidores do interesse que queremos libertar, de modo a conseguir dirigi-lo para as tarefas do presente. A análise teria que seguir precisamente o mesmo curso, como se tivesse uma fé ingênua na verdade das fantasias. A diferença só apareceria no final da análise, depois que as fantasias tivessem sido esvaziadas.

As cenas da infância são produzidas durante o tratamento como lembranças, trazidas à tona como grande número de recordações espontâneas e podem ser produtos de construção. Não quer dizer que essas lembranças, anteriormente inconscientes, sejam verdadeiras. Podem muitas vezes sê-lo, mas podem também ser distorções da verdade intercaladas de elementos imaginários, tal como as assim chamadas lembranças encobridoras, que são preservadas espontaneamente. Essas lembranças devem sua preservação não ao seu próprio conteúdo, mas ao vínculo associativo entre seu conteúdo e outro que está recalcado; tem por base o esquecimento de outras impressões mais importantes.

Essas lembranças indiferentes da infância parecem ter o poder de nos acompanhar durante grande parte de nossa vida.

Freud (1901, p. 62) traz um exemplo de uma lembrança encobridora:

Um homem com graves inibições em sua vida amorosa, agora com mais de quarenta anos, é o mais velho de nove filhos. Tinha quinze anos quando nasceu o mais novo dentre seus irmãos, mas afirma com absoluta certeza que nunca havia notado nenhuma das gestações de sua mãe. Sob a pressão de minha incredulidade, ocorreu-lhe a lembrança de, certa vez, aos onze anos ou doze anos, ter visto a mãe desatar a saia apressadamente diante do espelho. Acrescentou então, sem ser pressionado, que ela chegara da rua e inesperadamente sentira as contrações do parto. O desatar da saia era uma lembrança encobridora do parto.

Nas conferências introdutórias sobre psicanálise, constata-se que a teoria procura reduzir as cenas da infância ao nível de símbolos regressivos. Segundo Freud (1920-1923, p. 209), “ilustra essa transformação regressiva entre o pensamento e a imagem como uma substituição semelhante à troca de um editorial político num jornal qualquer por uma série de ilustrações”.

A teoria que procura explicar as cenas primárias encontradas nas neuroses como fantasias retrospectivas de data posterior parece obter um poderoso apoio da presente observação. Substitui geralmente uma impressão por um trauma imaginário. A cena inventada tinha de preencher determinadas condições que só poderiam ser encontradas precisamente em um período primitivo. Na quarta lição das conferências, Freud (1910, p. 53) diz o seguinte:

O trabalho da análise para o esclarecimento retrocede-se sempre, em qualquer hipótese, até a puberdade e a mais remota infância do doente, para só aí topar as impressões e acontecimentos determinantes. Só os fatos da infância explicam a sensibilidade aos traumatismos futuros e só com o descobrimento desses restos de lembranças, quase regularmente olvidados, e com a volta deles a consciência, é que adquirimos poder.

O tratamento psicanalítico, além de vir a ser um aperfeiçoamento educativo destinado a vencer os resíduos infantis, representa a possibilidade de dar uma nova forma aos conteúdos que nos moldaram nas primeiras identificações e assim construir uma nova versão de nós mesmos.

As lembranças infantis resistem à amnésia antes que o seu significado possa ser apreciado, sendo por isso necessário o trabalho da interpretação. A interpretação mostra que seu conteúdo fora substituído por qualquer outro conteúdo, ou revela que essas lembranças relacionam-se com outras experiências inequivocamente importantes que haviam surgido em seu lugar como lembranças encobridoras. Habitualmente a própria recordação que relata a história da vida vem a ser a mais importante, a única que contém as chaves secretas da sua mente.

A fantasia tem sentimentos de prazer com ela relacionados e, por causa deles, o paciente a reproduziu em inúmeras ocasiões no passado, ou pode ainda continuar fazendo. No início acontece voluntariamente, mas depois ocorre contra a vontade do paciente e com as características de uma obsessão. Com hesitação essa fantasia é confessada. O seu primeiro aparecimento é recordado com incerteza: a vergonha e o sentimento de culpa são talvez mais intensamente provocados em relação a essa fantasia do que quando são feitos relatos semelhantes de lembranças do início da vida sexual.

A fantasia do abutre, no caso de Leonardo da Vinci, veio associar a lembrança de sua suposta experiência do abutre com sua época de lactente. O que a fantasia encerra é meramente uma reminiscência do ato de sugar. Outra faceta da fantasia infantil de Leonardo é o ato de ser amamentado por sua mãe e vemos a mãe ser substituída por um abutre. A substituição da mãe pelo abutre indica que a criança tinha conhecimento da ausência do pai e sentia-se solitário junto à mãe. O que de verdadeiro se sabe sobre a infância de Leonardo é que aos cinco anos ele fora recebido na casa de seu pai. Passou os primeiros e decisivos anos de sua vida não ao lado do pai ou da madrasta, mas com sua verdadeira mãe. Leonardo esclarece a importância que teve esse conteúdo para sua vida posterior, esse conteúdo foi transformado em uma situação homossexual. A mãe que amamenta a criança foi transformada em abutre que põe a sua cauda dentro da boca da criança. A cauda representa o genital masculino.

O amor da criança pela mãe não pode mais continuar a se desenvolver conscientemente, ele sucumbe à repressão. Na relação de Leonardo com sua mãe, a mãe abandonada dava expansão à lembrança das carícias recebidas, consolando-se e compensando o filho da ausência do pai. Segundo Freud (1910, p. 123):

Todas as mães frustradas substituem o marido pelo filho pequeno, e o precoce amadurecimento de seu erotismo privou-o de uma parte de sua masculinidade. O amor da mãe pela criança que ela mesma amamenta e cuida é muito mais profundo que o que sente, mais tarde, pela criança em seu período de crescimento. Sua natureza é a de uma relação amorosa plenamente satisfatória, que não somente gratifica todos os desejos mentais, mas também todas as necessidades físicas; será devido a possibilidade que oferece de satisfazer, sem reprovação, desejos impulsivos há muito reprimidos e que podem ser considerados como perversos.

Para Leonardo houve um retorno do autoerotismo, os meninos que ele amava são figuras substitutivas e lembranças de si próprio durante a infância. Meninos que ele ama da maneira que sua mãe o amava quando era uma criança. Encontrava seus objetos de amor segundo um modelo narcísico, preferindo sua própria imagem a qualquer outra. Conforme Freud (1910, p. 108):

Sempre foi notório que ele somente admitia como alunos meninos e rapazes que fossem belos. Tratava-os com gentileza e consideração, tomava conta deles e, quando doentes, cuidava-os ele próprio como uma mãe cuida de seus filhos, assim como o teria tratado a sua própria mãe. Como os escolhia por beleza e não por talento, nenhum deles veio a tornar-se um pintor de importância.

Nos primeiros três ou quatro anos da vida, certas impressões tornam-se fixas, as formas de reação ao mundo exterior ficam estabelecidas e nunca mais perderão sua

importância por meio de experiências posteriores. As fantasias gravam elementos importantes do desenvolvimento mental.

Segundo Nasio (1997, p. 60),

O outro é a representação do que eu não posso ter, mas também do que não quero ter: a satisfação absoluta. O outro representa um limite, representa o meu limite. Assim, não só o outro me dá a minha imagem, garante a consistência da minha realidade e torna tolerável a minha insatisfação, mas também representa o freio para o desmedido de uma satisfação absoluta que eu não poderia suportar. Ele é no exterior o que o recalçamento é no interior.

Com as elevadas aspirações de nossa cultura e sob a pressão das íntimas repressões, achamos a realidade de todo insatisfatória e por isso mantemos uma vida de fantasia onde nos comprazemos em compensar as deficiências da realidade engendrando realizações de desejos. Nessas fantasias há muito da própria natureza constitucional da personalidade e muito dos sentimentos reprimidos. Quando a pessoa possui dotes artísticos, podem suas fantasias transmutar-se não em sintomas, mas em criações artísticas, reatando as ligações com a realidade. É sabido que frequentemente grandes artistas se comprazem em dar vazão a suas fantasias por meio de desenhos e outras criações artísticas.

Segundo Freud (1910, p. 124),

É possível que nestas figuras Leonardo tenha negado a infelicidade de sua vida erótica e que tenha triunfado sobre ela em sua arte, proclamando os desejos do menino apaixonado pela sua mãe, com um sentimento de realização nessa união bem-aventurada das naturezas masculina e feminina.

Concluo dizendo que as fantasias são uma solução de compromisso entre os desejos infantis. Uma fantasia é uma “cenarização” onde o sujeito aparece em diversas formas de identificação procurando sempre um outro semelhante e nessas “cenarizações” conscientes são reveladas as repetições e transformações das cenas infantis.

## REFERÊNCIAS

FREUD, Sigmund. Lembranças da infância e lembranças encobridoras (1901), vol. VI. In: \_\_\_\_\_. *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de S. Freud*. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

\_\_\_\_\_. Leonardo da Vinci e uma lembrança de sua infância (1910), vol. XI. In: \_\_\_\_\_. *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de S. Freud*. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

\_\_\_\_\_. Cinco lições de psicanálise (1910a), vol. XI. In: \_\_\_\_\_. *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de S. Freud*. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

\_\_\_\_\_. O estranho (1917-1918), vol. XVII. In: \_\_\_\_\_. *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de S. Freud*. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

\_\_\_\_\_. História de uma neurose infantil (1917-1918a), vol. XVII. In: \_\_\_\_\_. *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de S. Freud*. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

KUSNETZOFF, Juan Carlos. *Introdução à psicopatologia psicanalítica*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1982.

NASIO, Juan-David. *O livro da dor e do amor*. Rio de Janeiro: Zahar, 1997.